



ENTREVISTA — LUIZA BRUNET, ativista, atriz, empresária e ex-modelo

# “Tenho uma história marcada pela violência”

Ana Maria Campos

**Lisboa** — Luiza Brunet virou ícone da defesa das mulheres vítimas de violência doméstica. A ex-modelo e atriz tornou-se uma ativista da causa depois que sofreu, em 2016, uma grave agressão praticada pelo então marido no apartamento do casal em Nova York. Denunciou socos e chutes. Sofreu fratura em costelas e levou um soco no olho.

*Com toda essa violência, Luiza ainda teve de provar na Justiça, com laudos médicos, que foi espancada pelo homem com quem vivia. Vencido o medo de denunciar, a ex-modelo passou a incentivar as mulheres a seguirem o mesmo caminho: não deixar de procurar ajuda e registrar ocorrência.*

*Desde então, ela tem viajado e participado de debates e conferências sobre o tema, como o que ela confirmou presença em Portugal, no XIII Fórum de Lisboa.*

*Luiza foi escalada para contar a própria história no painel Direitos Fundamentais e Direitos de Minorias.*

*O evento reúne mais de duas mil pessoas que acompanham desde esta quarta-feira os debates com foco no tema “O mundo em transformação – Direito, Democracia e Sustentabilidade na Era Inteligente”.*

*Até 4 de julho, mais de 400 palestrantes, incluindo autoridades públicas, acadêmicos, representantes do setor privado e da sociedade civil do Brasil, Portugal e Estados Unidos,*

*integram 60 painéis de alto nível.*

*Entre os convidados, ministros de tribunais superiores, políticos, juristas, advogados e membros do Ministério Público estarão presentes no evento idealizado pelo ministro Gilmar Mendes, com organização do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), pelo Lisbon Public Law Research Centre (LPL) da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e pelo Centro de Inovação, Administração e Pesquisa do Judiciário - FGV Justiça (FGV).*

**Você está participando do XIII Fórum de Lisboa, em um debate sobre a violência doméstica. Que contribuição você pode dar para esse painel, que trata de temas tão contemporâneos e desafiadores para a sociedade?**

Acho que é um tema extremamente importante porque vemos que os números de feminicídios e de violências contra as mulheres cresceram demais, tanto no Brasil quanto no mundo inteiro. É um tema que já é debatido, já está em pauta, mas, mesmo assim, os casos continuam aumentando. Por isso, é essencial que a gente fale sobre isso em fóruns desse porte, para que as pessoas tenham mais informação sobre seus direitos fundamentais e para que consigam sair desse ciclo da violência doméstica o mais rápido possível.

**Por que, na sua opinião, a violência está crescendo no Brasil, apesar de tantos debates e campanhas contra o feminicídio? Ainda assim, vemos os números aumentando.**

Pois é. Eu acho que há dois fatores principais: o primeiro é que a mulher denuncia mais, e isso muitas vezes gera retaliação por parte de seus companheiros. O segundo é que a informação também incomoda os homens. Por isso, precisamos cuidar da questão da educação, para que, desde pequenos, os meninos entendam que agredir uma mulher é crime. Essa retaliação que sofremos por exercer nosso lugar de fala e por

Mariana Campos/CB



**“Para qualquer mulher, romper o silêncio e compartilhar sua história é muito difícil. Fazer uma denúncia em uma delegacia e passar por todo um processo judicial é extremamente desafiador”**

**“A visibilidade que conquistei com o tempo, aliada à violência que sofri no meu último relacionamento, me deu força para compartilhar minha história”**

lutar pelos nossos direitos — seja na justiça, na política ou no ambiente de trabalho — acontece de forma cruel.

**Você tem participado de vários debates e feito palestras aqui na Europa. Você acredita que se tornou um ícone da defesa da mulher?**

Acho que estou em um momento muito especial. Tenho uma história marcada pela violência desde muito cedo — violência assistida, abuso sexual infantil aos 11 anos, além de várias dificuldades enfrentadas na carreira de modelo. A visibilidade que conquistei com o tempo, aliada à violência que sofri no meu último relacionamento, me deram força para compartilhar minha história. Isso me fez sentir, na pele, o que muitas mulheres sentem. E me permite dizer às que ainda não passaram por isso que é muito triste viver uma violência — seja quando se é adulta, seja quando se é criança.

**Você é uma pessoa conhecida, famosa, admirada. Mesmo com esse perfil, foi difícil denunciar a violência que você sofreu?**

Com certeza. Para qualquer mulher, romper o silêncio e compartilhar sua

história é muito difícil. Fazer uma denúncia em uma delegacia e passar por todo um processo judicial é extremamente desafiador. Eu me solidarizo com todas essas mulheres. O meu papel, como mulher e como vítima, na sociedade civil é encorajar que elas denunciem e não desistam no meio do caminho. Elas não devem desistir jamais de fazer com que o agressor seja punido. Se ela desistir, ele vai continuar agindo da mesma forma. Mas, quando fazemos o que está ao nosso alcance — por meio da denúncia —, esse agressor aprende que pode ser preso, porque hoje existe um crime tipificado na Lei Maria da Penha. Infelizmente, a violência destrói uma família. E, com certeza, a sociedade também é atingida.

**E hoje, você está totalmente recuperada do que sofreu?**

A gente vai tentando fazer com que as coisas se acomodem. Uma das consequências da violência é que você passa a ser mais criteriosa ao conhecer pessoas e a se abrir para novos relacionamentos. Isso leva tempo. Mas o trabalho que faço hoje me deixa muito feliz e tem ocupado bastante do meu tempo. Portanto, estou sozinha e estou muito feliz comigo mesma.